



MOVIMENTO SANKOFA: BUSCANDO NOS SABERES ANCESTRAIS POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE UM NOVO METABOLISMO SOCIAL

Heliany Wyrtá de Oliveira - Instituto Federal de Goiás Câmpus Anápolis – E-mail: heliany.wyrtá@academicos.ifg.edu.br

Tipo de Revisão de Literatura

RESUMO: Este artigo propõe a busca dos saberes ancestrais como possibilidade de construção de um novo metabolismo social. Nessa perspectiva proponho a realização de um movimento denominado Sankofa¹, um símbolo Andikra que significa voltar o olhar para o passado, como possibilidade de (re)conhecer nos saberes ancestrais, potencialidades esquecidas ou silenciadas, que podem colaborar com a continuidade da nossa caminhada nesse mundo de uma maneira mais harmoniosa com a natureza, propondo novas possibilidades de ser, existir e agir no mundo. Nessa perspectiva, faremos uma pesquisa bibliográfica para compreender a construção social do trabalho e da educação no Brasil, a partir de uma economia baseada no metabolismo social do capital. Realizando um paralelo desses estudos a partir de uma visão afrocentrada, que traga elementos dos saberes ancestrais para repensar esse sistema capitalista, baseado em princípios e valores da sabedoria dos povos indígenas e afrodescendentes. Partindo do pressuposto de uma educação profissional e tecnológica decolonial que colabore com a

¹ A sankofa é um símbolo Andikra de resistência, cuja origem africana foi trazida para o Brasil na época colonial, quando negros eram feitos escravos. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar). Adinkra é um sistema de símbolos que representam conceitos e ideais. Eles foram criados pelo povo Akan da África Ocidental e são usados em uma variedade de contextos, incluindo roupas, cerâmica, arquitetura e arte. São uma parte importante da cultura Akan e são usados para transmitir mensagens de esperança, amor, paz, sabedoria, força, fé e solidariedade.

transformação social tendo como base a superação do capitalismo e a construção de um novo metabolismo social².

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica – Saberes Ancestrais – Metabolismo Social - Decolonialidade

1. INTRODUÇÃO

Ao propor a reflexão sobre um novo metabolismo social com o olhar para uma forma específica de viver dos ancestrais, tenho a intenção de realizar uma análise radical da realidade. Nessa perspectiva que proponho que nós, autora e leitores, realizemos o movimento da Sankofa.

O Sankofa, é a figura de um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Esse movimento propõe o retorno ao passado, voltar as nossas raízes, para que alimentados pela sabedoria dos nossos ancestrais tenhamos força e sabedoria para construir um futuro melhor.



Nessa perspectiva, afrocentrada, o Sankofa enquanto símbolo africano está intimamente ligado aos conceitos do materialismo histórico-dialético³ . O Sankofa é caracterizado pelo

² Processo de trocas entre os seres humanos e o mundo natural. Essa relação entre ser humano e natureza vai definir a produção, o consumo, o descarte, os resíduos, enfim a forma como o homem, através do seu trabalho vai interagir com a natureza.

³ O materialismo histórico-dialético é uma teoria política e econômica e um método sociológico desenvolvido por Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX. O método é um movimento dialético que parte da sua concepção ontológica da realidade social, em que o ser social produz suas próprias condições objetivas e subjetivas de existência e, por isso, teoria, método e concreto social constituem uma unidade metodológica.



movimento, pela dialética, sendo esse um conceito fundamental do método. O movimento de aprofundamento na materialidade histórica da vida dos homens para viver radicalmente o real, problematizá-lo e, com os novos conhecimentos construídos, tornar-se capaz de promover uma revolução social que subverta toda ordem desumanizadora.

Os saberes ancestrais, enquanto conjunto de conhecimentos e práticas transmitidas de geração em geração, principalmente através da oralidade, estão baseados em uma relação íntima e de profundo respeito pela natureza. Este artigo busca, estabelecer um parâmetro de confluência entre os saberes ancestrais e a pesquisa bibliográfica realizada, pensando em como estas podem ajudar a construir um novo metabolismo social, onde o ser humano, em posse de sua humanidade, possa se olhar como parte integrante da natureza como parte de si mesmo e agir no sentido de preservar a própria vida.

1. TRABALHO E EDUCAÇÃO NUMA PERSPECTIVA HUMANIZADORA

Para Arroyo, educar é humanizar, possibilitar o caminho para a emancipação e a autonomia responsável do ser humano. Sendo assim, concluo que a humanização é o objetivo primeiro de toda ação pedagógica. Porém ela não acontece apenas na escola. O processo educativo acontece também em outros espaços como famílias, igrejas, ruas, terreiros, empresas, nos momentos de trabalho e, também, nos momentos de lazer. Sendo necessário compreender todos esses tempos e espaços para ampliar a visão sobre os limites e possibilidades da teoria pedagógica dentro da escola.

No seus estudos, ele busca encontrar uma possibilidade de diálogo entre as diversas áreas que teorizam sobre a educação para que possam ir além do mundo e do pensamento sobre



o trabalho, para que os profissionais de outras áreas do conhecimento, principalmente da pedagogia, tragam contribuições que colaborem na busca de respostas à questões essenciais para entender o caráter educativo do trabalho.

Lendo Arroyo numa Afroperspectiva , é possível enxergar nessa tentativa de promover o diálogo entre as diversas áreas da pesquisa educacional um princípio da filosofia africana que se denomina Ubuntu . Um dos pilares que sustenta essa filosofia é o respeito, faz parte do pensamento e modo de agir solidário, que dá muita importância a forma de se relacionar uns com os outros de modo a construir o diálogo necessário para tomadas de decisões.

Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, ‘umuntu ngumuntu ngabantu’ (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas. (NOGUEIRA, 2012)

A ética Ubuntu, compreendida como sendo comum a todas as pessoas, proporciona um ritmo coletivo e generoso na busca do conhecimento e da valorização dos tempos e espaços de aprendizagens. O espírito dessa filosofia africana é buscar o entendimento da realidade através de uma articulação coletiva, permitindo a formação de novos encontros, com novos saberes (antropologia, história, sociologia, filosofia, psicologia, entre outras) para ao fazer o retorno para seu local de origem (teoria pedagógica) com uma visão mais ampla que colabore com o repensar da educação básica, a educação universal e obrigatória, segundo Arroyo.



Por ser uma ação educativa entre pessoas, a formação é transmitida de geração em geração, pois somos seres sujeitos da aprendizagem e do ensino ao mesmo tempo que estabelecemos inter-relações. Através dessas relações expressamos culturas, histórias pessoais, representações e valores, subjetividade, sensibilidade, afetividade, emoção, enfim um conjunto de fatores que não pode ser separado do sujeito ao adentrar no mundo escolar. A ação formadora acontece em casa, no trabalho, na cidade, na turma, na escola, em todos os espaços onde existe interação.

SANTOS (2021) através de um texto autobiográfico relata uma, das várias experiências vividas por ele desde a infância sobre o modo de produção da comunidade quilombola na qual nasceu e foi criado. O que quero ressaltar nessa citação, além de como o trabalho era realizado, é o fato de como a educação das crianças fazia parte da vida, pois desde pequenas aprendiam com os mais velhos o trabalho necessário para a vida em comunidade.

Ainda garoto, comecei a participar das pescarias que aconteciam da seguinte maneira: um grupo de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades acampavam à margem do rio e escolhia o poço onde todos deviam pescar. Algumas pessoas remendavam tarrafa , outras cortavam palhas para fazerem tapagens , outras retiravam balseiros de dentro d'água, outras distribuíam cachaça, bolos, tira-gosto, outras faziam café e assim por diante. Tudo isso coordenado pelos mais velhos ou os que mais se destacavam pela habilidade no desempenho de determinadas tarefas. Isso se dava de forma tão sincronizada que, na hora de começar a pescar, todo mundo combinava entre si e já tinha os seus pontos reservados. (p. 63)



Podemos assim vislumbrar que a educação ancestral está diretamente ligada à vida. Por esse prisma vamos avançar na reflexão de Arroyo quando destaca o peso das condições materiais e das relações sociais em que produz a educação. Destaca que os processos educativos se materializam em práticas e rituais. Sendo categórico ao afirmar que a pedagogia escolar se empobrece quando secundariza o peso da materialidade em que se produz a existência e se reproduzem os seres humanos e quando não dá a devida centralidade ao elemento humano.

Aprofundando no conceito de trabalho através do olhar de MARX (2002), reforçando o sentido do trabalho como uma atividade essencial para a vida humana, pois é por meio deste que os seres humanos se relacionam com a natureza e produzem os meios de sua subsistência. De acordo com os seus estudos é possível constatar que

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeças e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza. (p.211)

O ser humano se constitui humano porque diferente dos outros animais ele pensa sobre sua ação de transformação da natureza, antes mesmo de agir sobre ela. Nesse sentido, o ser humano é capaz de se auto educar e educar os seus iguais. Essa ação do homem sobre a natureza convencionou-se a chamar de trabalho. SAVIANI (2007) afirma que a essência do homem não é uma dádiva, mas sim uma construção humana. Indo além, ele defende que



Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (p.154)

Assim sendo, educação e trabalho, ontologicamente, são prerrogativas do ser humano, sem o qual eles não poderiam produzir cultura, tecnologias, saberes, valores, nem tão pouco seriam capazes de transmitir esses saberes ao longo das gerações. Além disso, apenas o ser humano pode, através de sua atuação sobre o objeto do trabalho ressignificar aprendizagens para produzir novos conhecimentos.

É característica inalienável do ser humano a capacidade de autoformar-se e ao mesmo tempo formar outros seres nas suas interações. Inicialmente, quando ainda não tínhamos os saberes culturalmente acumulados, os humanos ao agir sobre a natureza, simultaneamente aprendiam.

2. OLHAR PARA TRÁS PARA PROCURAR ONDE O ELO TRABALHO-VIDA-EDUCAÇÃO FOI ROMPIDO

Partindo do pressuposto de que em algum momento da nossa evolução social, algo em nós foi partido a tal ponto que originou uma cisão entre o mundo do trabalho e a vida de tal



modo que por distração ou despreparo nos desvirtuamos da nossa humanidade e da íntima relação com a natureza e chegamos no ponto de contínuo processo de autodestruição que nos encontramos nesse momento. A partir daqui faremos uma análise histórica, para tentar compreender onde nossos caminhos se distanciaram de nós mesmos e da nossa ligação com a natureza, com a educação e com o próprio sentido da vida.

2.1. O potencial do capital de desumanização

Numa sociedade em que o ser humano tenha ligação direta e horizontal com a terra e com sua comunidade, o trabalho se apresenta como o meio de interação com os outros e com a natureza de forma consciente e harmoniosa

A partir do momento em que o ser humano começa a produzir para acumular, instaura paulatinamente a organização as relações sociais de forma hierárquica. Alguns começam a deter o conhecimento e transformavam outros, antes seus iguais, em escravos. Mudando a forma de produção, nasce a divisão do trabalho, que originou a propriedade privada. Surgindo assim a sociedade de classes, dividia entre proprietários e não-proprietários. Consequentemente, a formação humana também sofre alterações profundas. A partir daí, o saber passar a ser transmitido levando em consideração a classe social do indivíduo.

Doravante, no sistema capitalista acontece uma anomalia, ou como bem diria Marx uma contradição antagônica, isto quer dizer, uma contradição irreconciliável, visto que o trabalho é o que caracteriza a essência humana do ser. Como explicar que com o início da propriedade privada, alguns homens sobrevivem às custas do trabalho de outros, sendo assim eles não são humanos? Indo além, se o trabalho é a razão da existência e sobrevivência do ser humano,



como ele vai conseguir sua subsistência tendo que garantir a acumulação de outros homens que detêm o produto do seu trabalho à base da coação física e psicológica?

O avanço do comércio desencadeou o surgimento de uma nova classe social, a burguesia, que originalmente eram mercadores moradores das cidades, os chamados burgos. E a partir da revolução industrial. A estrutura da sociedade passa a ser estabelecida por laços contratuais e impõe uma educação onde os trabalhadores dominassem o mínimo de formação geral para se qualificarem para as novas possibilidades de trabalho na expansão da mentalidade capitalista.

Na obra *O capital*, Marx traz um vasto estudo sobre essa nova estrutura social, que nascia trazendo grandes problemas sociais, principalmente nas grandes cidades. Sendo assim, Marx e Engels passaram muito tempo de sua vida construindo um estudo sistematizado, realizando uma crítica da economia política de sua época com o fim de elaborar uma teoria baseada na filosofia socialista da época que fosse possível de ser praticada rumo a uma revolução proletária, com o objetivo de construir uma sociedade comunista. Os autores trabalham com conceitos importantes para entender o sistema capitalista, como mercadoria⁴, valor de uso⁵, valor de troca⁶, mais-valia⁷.

⁴ A mercadoria é o elemento mais sobre determinado, mais nuclear da produção capitalista, pois o sistema capitalista não é um sistema de produção de coisas úteis e necessárias às pessoas, e sim um sistema produtor de mercadorias.

⁵ O valor de uso é definido pela capacidade de satisfazer necessidades humanas. O valor de uso, portanto, depende da utilidade do produto.

⁶ O valor de troca representa a quantidade de trabalho necessário para produzir um produto qualquer. Quanto maior a quantidade de trabalho necessário, maior o valor; quanto menor o trabalho necessário, menor o valor.

⁷ A mais-valia pode ser entendida como o trabalho não pago, ou seja, são horas que o trabalhador cumpre/valor que ele gera pelos quais ele não é remunerado.



Numa abordagem sintética da obra, apenas para avançar no entendimento do objetivo desse artigo. Marx afirma que o processo de trabalho é o meio de produzir valores de uso. O trabalho sendo a própria força utilizada pelo trabalhador para agir sobre a natureza para produzir o produto do seu trabalho. Nesse sentido, é o trabalho humano que agrega valor ao produto.

O trabalho em si sempre produz algo que tem um valor de uso. O objetivo do capitalista ao comprar a força de trabalho é produzir uma mercadoria que tenha valor de troca. O valor de troca, carrega em si a negação do valor de uso, pois determina que uma mercadoria pode ser trocada por outra estabelecendo como parâmetro de troca à quantidade de trabalho realizado para produzi-la e não sua utilidade.

Desse processo de produção de valor que surge o conceito fundamental do capital: a mais-valia. Quando o trabalhador vende sua força de trabalho ele recebe um salário. Mas existe uma quantidade de uso da força de trabalho do trabalhador que não é paga pelo capitalista. Esta exploração do trabalho é o trabalho excedente que gera lucro ao capitalista. A mais-valia se origina de um excedente quantitativo de trabalho, da duração prolongada do mesmo processo de trabalho, tanto no processo de produção de fios quanto no processo de produção de artigos de ourivesaria. (MARX, 2002, p. 231)

Dentro da perspectiva capitalista, o trabalho é produtor de riqueza, desde que este contenha a mais-valia. Para existir a mais-valia não basta a infraestrutura necessária, isto é não é só uma questão econômica. A superestrutura que garante as condições da criação da mais-



valia, através das estratégias dos grupos dominantes para criar a hegemonia, com o uso da força ou da ideologia.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (MARX, 2008, p. 48)

O trabalho é alienado quando o trabalhador não tem acesso aos bens que ele mesmo produz. Num trabalho alienado o ser humano perde sua humanidade, torna-se apenas a força de trabalho. O trabalhador deixa de se reconhecer como produtor e não se identifica com o produto. Nesse sentido, ele é transformado em uma mercadoria. Isso que Marx chama de coisificação do ser humano.

Analogicamente, a colonização também é um processo desumanizador e de coisificação. CÉSAIRE (2020) explica essa afirmação quando diz:

Entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. [...] É minha vez de apresentar minha equação: colonização=coisificação. (p. 24)



Em contrapartida, SANTOS (2021) descreve outra forma de agir no mundo do trabalho onde não há necessidade de produzir acumulação nem riquezas, pois o objetivo principal é o trabalho coletivo, a cooperação e a solidariedade entre os membros da comunidade.

Isso porque, segundo nossas mestras e mestres, a mandioca nós podíamos acumular, mas o melhor lugar de guardar a mandioca é na terra. [...] Assim como dissemos que a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia. SANTOS, 2021, p.65)

Porém dentro de um sistema capitalista, o trabalho coletivo e cooperativo é totalmente inviável. Nessa conjuntura de extrema contradição e alienação do homem do fruto do seu trabalho, a educação proposta é também fragmentária e estabelece a divisão entre o trabalho manual para os trabalhadores e o trabalho intelectual para a classe dominante.

Frente à essa realidade, FRIGOTTO (2009), expõe a disputa de classes existente no modo de produção capitalista e fala sobre a necessidade de construir uma luta contra hegemônica como possibilidade de superar a coisificação do ser humano e, portanto, o sistema capitalista. O objetivo principal do texto é promover a crítica das relações sociais e dos processos formativos e educativos que reproduzem o sistema do capital e de suas formas de alienação, porque para ele, quando a concepção de mundo não é crítica, pertencemos a uma multiplicidade de homens massa.

O papel da educação nesse contexto é desenvolver uma formação política e econômica, educacional e de sentimentos e relações ao mesmo tempo, isso quer dizer uma educação

omnilateral e politécnica, para que os trabalhadores sejam capazes de criticamente construírem sua autonomia e, possam, coletivamente promover uma luta contra hegemônica. Assim como Arroyo(2008), Frigotto(2009) chama a atenção para o fato dessa formação ocorra desde a infância.

Por ser o trabalho (mediação de primeira ordem) o que possibilita que o ser humano se e reproduza-se produza, e por isso, na metáfora de Marx, antediluviano, e não o trabalho escravo, servil e o trabalho alienado sob o capital (mediações de segunda ordem), a internalização, desde a infância, do princípio do trabalho produtor de valores de uso é fundamental. [...]É dessa perspectiva que Marx entende, na minha leitura, a união de trabalho e ensino desde a infância e, ao mesmo tempo, a luta contra a exploração do trabalho infantil. (p. 189)

2.2 A importância da Educação Profissional e Tecnológica para a mudança social

Mézsáros (2008) afirma que o capitalismo precisa ser superado, pois as condições que ele impõe aos seres humanos e a natureza é de escassez e morte. Tanto em relação a maneira predatória de extração dos recursos naturais para acumulação da riqueza quanto pela superexploração e precarização do trabalho.

O metabolismo social do capital impõe relações humanas baseadas no individualismo, na competição, na meritocracia, modos de vida que colocam o ser humano em constante processo de luta consigo mesmo e com os seus iguais em busca de um trabalho cada vez mais escasso, precarizado e alienado.

Com os avanços tecnológicos era esperado por um tempo de trabalho mais produtivo e que as pessoas teriam mais tempo para estudar, ler, cuidar da família, realizar atividades sociais,



no entanto, o que vemos, que quanto mais tecnológico o mundo mais aumenta a superexploração do trabalho e o aumento da precarização. Porém,

“a precarização não é algo estático, mas um modo de ser intrínseco ao capitalismo, um processo que pode tanto se ampliar como se reduzir, dependendo diretamente da capacidade de resistência, organização e confrontação da classe trabalhadora.” (ANTUNES, 2018, p. 65)

Portanto, o desafio do nosso tempo é promover ações coletivas que sejam capazes de contrapor ao sistema de metabolismo social do capital, para construirmos um novo modo de produção e de reprodução da vida fundado na atividade livre autônoma e autodeterminada baseada no tempo disponível para produzir valores de uso socialmente necessários.

Para isso, precisamos repensar os princípios da educação profissional e tecnológica, pois o trabalho precisa ter um sentido societal voltado para o atendimento das efetivas necessidades humanas e sociais vitais. É necessário resgatar o verdadeiro sentido estruturante do trabalho. NEVES e PRONKO (2008) reiteram que

“para que a educação escolar se transforme efetivamente em instrumento de conscientização da classe, ela precisa superar a sua sempre crescente subsunção aos imperativos técnicos e ético-políticos da mercantilização da vida, privilegiando na sua estruturação curricular a omnilateralidade e a politecnia.” (p.29)

É necessário o aumento dos níveis de consciência coletiva da organização popular, para que sistemas educacionais empresariais como Sistema S não adquiram a hegemonia pedagógica da classe trabalhadora, pois essa é uma organização ideológica tecnicista que visa apenas a atender as demandas do mercado e pouco ou nada se preocupam com a formação holística do ser humano.

No Brasil, o ensino profissionalizante foi permeado por disputas políticas conservadoras e progressistas. Os conservadores lutando para manter a divisão do trabalho



educacional, onde o trabalho complexo científico e tecnológico deveria formar os intelectuais orgânicos dedicados às tarefas especializadas, enquanto a educação profissionalizante seria para a formação do trabalho simples, que exige menos escolarização.

Uma educação profissional e tecnológica decolonial, levaria em consideração a discussão das lutas socioambientais, de defesa da terra e do território. Olhando para a natureza através das vivências das comunidades indígenas e quilombolas, que demonstram outra perspectiva ação humana sobre a natureza, portanto sobre a noção de trabalho.

Uma visão decolonial pressupõe que os recursos do patrimônio natural, social e cultural devem ser mantidos fora do mercado. A formação necessária na educação profissional e tecnológica deve levar em consideração que o trabalho deve ser exercido com o fim de proteção do bem comum, pois todos tem direito a um ambiente seguro, sadio e produtivo.

O estudo profissionalizante, nessa perspectiva, deve antes de tudo entender o ser humano enquanto parte do ambiente. Construindo uma ponte entre o passado e o futuro, através do conhecimento dos saberes ancestrais tem da consciência da nossa origem comunitária e um olhar ecológico. Que seja capaz de criar possibilidades um tipo de desenvolvimento social baseado na conservação da natureza e na produção de energias alternativas.

O profissional do trabalho formado para esses novos tempos precisa compreender que o consumismo é um dos grandes fatores geradores de desigualdade e destruição tanto do humano quanto da natureza. Pois

“os atuais níveis de consumo, especialmente aquele consumo que é supérfluo e banal, deve ser abandonado. A qualidade de vida deixa de ser entendida como uma simples acumulação de bens materiais para ser ampliada a dimensões culturais, afetivas e espirituais. (DILGER, 2016, p. 209)

3. OS SABERES ANCESTRAIS COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE UM NOVO METABOLISMO SOCIAL

MÉSZÁROS(2008), aponta três pontos essenciais para entender os princípios básicos desse novo metabolismo social:

Primeiro que “o objetivo central dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a **emancipação humana**”. (p. 15) Portanto, como atingir esse objetivo, se ainda não conseguimos passar pelo processo de decolonialidade ? Pois a mentalidade colonizada pela qual fomos formados produziu padrões de pensamento eurocêntricos, que coloca os valores culturais, a cor, a filosofia de vida, enfim tudo que nos constituiu originalmente como sendo inferiores, selvagens, incivilizados.

Ouçam a tempestade: Falam-me do progresso das “realizações”, das doenças curadas e dos níveis da vida elevados além de si mesmos. Mas eu falo de sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificações artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas. [...] Falo de milhões de homens arrancados a seus deuses, suas terras, seus costumes, sua vida, a vida, a dança, a sabedoria. Estou falando de milhões de homens em que foram inculcados o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo. [...] Mas eu falo das economias naturais, economias harmoniosas e viáveis, economias na medida do homem indígena que foram desorganizadas, culturas alimentares destruídas, subnutrição instalada, desenvolvimento agrícola orientado para o benefício único das metrópoles, roubo de produtos, roubo de matérias-primas. [...] Falam-me de civilização, eu falo de proletarização e mistificação. (p.25)

O segundo princípio é quando categoricamente Mészáros afirma que a educação não é um negócio e deve qualificar para a vida, para isso é necessário **romper com a lógica do capital**, com o fim de estabelecer os vínculos entre educação e trabalho, para realizar a transição da sociedade capitalista para a sociedade comunista. Nesse sentido, fica claro os pontos de confluências entre os saberes dos povos originários e o comunismo, sendo assim, é



possível presumir que os saberes ancestrais se interrelacionam diretamente com o materialismo histórico-dialético.

O terceiro fundamento encontrado nos escritos do autor é de que o sistema educacional tem que servir para a **luta contra a alienação**. Como realizar essa finalidade dentro de uma sociedade baseada no metabolismo social do capital, cuja meta é o lucro, exercendo o poder do dinheiro, alienando e desumanizando o trabalhador?

Portanto, Mészáros constata que as soluções não podem ser apenas formais, elas devem ser essenciais, devem abarcar a totalidade das práticas sociais, em todos os âmbitos. Visto que a mudança social depende da intensidade dos confrontos hegemônicos e contra hegemônicos de uma dada concepção de mundo que instituirá uma transformação social que seja significativa.

Por esse ângulo de visão materialista histórico-dialético que chegamos ao pensamento decolonial. No entanto é preciso ir além, pois não basta a constatação do fato, é imprescindível construir possibilidades para um novo metabolismo social. É essencial compreender a diferença entre colonização e colonialidade. O termo colonização faz parte de um período específico da história, que em tese foi finalizado a partir da proclamação da independência dos países. No entanto, colonialidade é o que ultrapassa o tempo histórico porque fica impregnado no imaginário tanto dos que foram os colonizadores quanto dos colonizados.

Faço uma ressalva nesse momento, pois entendo Marx e Engels, homens brancos europeus, conseguiram avançar no máximo que sua consciência era capaz para seu tempo e espaço. Enquanto cidadãos privilegiados, não conseguiram sentir o poder devastador da colonização e da escravidão para o processo de desumanização, pois eles estavam vendo o



mundo sob a ótica econômica, seus estudos eram sobre o capitalismo e sua superação e eles não alcançaram os saberes ancestrais, dos povos originários e africanos, para entender o potencial destes para a transformação que eles vislumbraram.

Com base nessa premissa, como construir um novo metabolismo social sem levar em conta, não só os explorados pelo capital, mas os humilhados, os mortos, os renegados, enfim, como ouvir as vozes dos que foram silenciados e que estão sendo dizimados? Como numa sociedade onde a cor e a orientação sexual são justificativas para o assassinato, onde pretos, pobres e gays são assassinados diariamente, onde garimpeiros, madeireiros e grileiros estão dizimando os povos originários?

Essas questões me remetem instantaneamente à carta que FREIRE (2000) escreveu quando assassinaram de forma covarde e vil, Galdino Jesus dos Santos, um homem de origem Pataxó

Não é possível refazer esse país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios justos e amorosos da vida e dos outros... (p. 67)

A resposta para essa indignação não é simples, mas a gênese dessas ações tem estreita relação com o pensamento colonizador europeu, visto que o processo de colonização europeia é a maior responsável pelo maior número de cadáveres do mundo, em conjunto, é claro com a



mentalidade imperialista estadunidense. Entendo que tanto o colonialismo quanto o imperialismo bebem na mesma fonte da arrogância e ganância.

Portanto, tanto Mészáros quanto Freire fazem a mesma contatação, de que a educação é um dos caminhos essenciais para o processo de reestruturação radical e a transformação do sistema e na maneira de Ser dos indivíduos. Porém precisamos entender que não pode ser uma educação formal que visa a reprodução para garantir a hegemonia cultural da classe dominante. Ao contrário, como bem disse o autor

Apenas a mais ampla das concepções de educação nos pode ajudar a pesquisar o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital.[...] Em contraste, cair na tentação dos reparos institucionais formais – ‘passo a passo’, como afirma a sabedoria reformista desde tempos imemoriais – significa permanecer aprisionado dentro do círculo vicioso institucionalmente articulado e protegido dessa lógica autocentrada do capital.(Mészáros, 2008, p. 48)

Entendendo como concepção ampla de educação, o fato de que por fazer parte da própria vida e pode estar ela não pode ser restringida ao ambiente formal de escolarização. Práticas educacionais podem ser vivenciadas nos diferentes tempos e espaços onde se estabelecem relações sociais e devem ser realizadas de tal forma que sejam vivências emancipatórias. Onde os sujeitos sejam capazes da ‘autoeducação de iguais’

A educação é fundamental, no sentido, de conter em si condições materiais de desalienação, através da elaboração de estratégias que promovam ações educativas objetivas que tenham ressonância na consciência dos indivíduos, que sejam capazes de criticamente criarem os caminhos para as mudanças necessárias na sociedade.

O que está em jogo aqui não é simplesmente a deficiência dos recursos econômicos disponíveis, a ser superada mais cedo ou mais tarde, como já foi desnecessariamente prometido, e sim a inevitável deficiência estrutural de um sistema que opera através dos seus círculos viciosos de desperdício ou de escassez. É impossível romper esse círculo vicioso sem uma intervenção efetiva da educação, capaz, simultaneamente,



de estabelecer prioridades e de definir as reais necessidades, mediante plena e livre deliberação dos indivíduos envolvidos. (Mészáros, 2008, p. 74)

Considero fundamental, nesse momento realizar o movimento do Sankofa para buscar em lugares outros que não o pensamento colonizador, eurocentrado e patriarcal a inspiração para propor alternativas a esse processo de estrangulamento do ser humano e da natureza. Buscando em intelectuais orgânicos afrocentrados novos olhares e vivências, pois assim como NASCIMENTO (2019) acredito que

[...] aquelas sociedades mais intrinsecamente ocidentalizadas são as menos capazes de deter o acelerado processo da própria deterioração. Dessa circunstância advém a certeza de que o desempenho de um papel importante como também urgente, está desafiando o potencial criativo de todos os povos e nações, homens e mulheres. E nessa etapa dessa trajetória humana, vemos emergir, num certo lugar da terra, um ponto insuspeito, alguma coisa intrigante, talvez um mistério histórico: o fenômeno d cultura de uma área específica, até o momento marginalizada, projetando-se na direção da área de expressão ecumênica. (p.65)

Esses saberes outros que Nascimento nos convida a acessar são os saberes ancestrais dos povos africanos e dos povos originários. A forma como isso pode se dar é entrando em contato com as filosofias e culturas africanas e indígenas. Como estas se relacionam com os outros, com a natureza, qual a base de suas economias, pois estas, numa perspectiva afrocentrada, têm em si o cerne progressista e anticapitalista.

O estudo sobre os quilombos mostra como é possível manter um sistema de igualdade, liberdade e soberania, sendo exemplos claros da emancipação de um povo, através do trabalho coletivo, de uma economia comunitária e cooperativa, com pessoas capazes de trabalhar para viver e organizar os seus tempos e espaços para momentos, para além do trabalho, de celebração, dança, canto, ritos.



A experiência de quilombos e tribos com relação à terra, sendo essa um bem coletivo a que todos tem direito, mostra como a relação com o território é fundamental para entender a construção de um novo metabolismo social onde tanto a terra, quanto as fábricas e suas instalações podem ser de propriedade coletiva, pois só pode ser dono quem trabalha.

Evidencio ainda, o caráter revolucionário e libertário das populações negras e indígenas que em nenhum momento histórico aceitou passivamente as condições ao qual estavam impostos, pelo contrário procuravam formas de resistir e reagir, através da sua força, capacidade de organização e sabedoria ancestral, construindo alternativas de vida mesmo em meio a um processo de devastação e desumanização.

Para NASCIMENTO (2019), esses são os princípios da vida comunal tradicional das culturas africanas, eu acrescento também das indígenas. Nessas comunidades o sistema de valores é o pilar de todas as culturas. Por isso, é de suma importância a valorização dos ritos, da poesia, da mitologia, do teatro, da música, da dança, enfim de toda forma de expressão artística e cultural.

A envergadura do nosso projeto exige uma revolução cultural permanente. E todos sabemos que uma revolução não pode consistir apenas na substituição de uma pessoa por outra, ou mesmo na troca de um sistema por outro. Ao contrário, uma revolução cria ambos: pessoas e sistemas. O sistema de valores é a espinha dorsal de todas as culturas. Os valores impregnam nosso espírito criativo e, consequentemente, dão forma ao complexo dos mitos inaugurais: nisso consiste a mitopoesia de uma cultura. (p. 100)

Essa revolução cultural perpassa todos os espaços da vida em sociedade, além dos espaços formais e, portanto, institucionalizados, as escolas e universidades, também e, principalmente nos espaços não-formais e informais, como: as igrejas, as famílias, os parques, museus, zoológicos, campos de futebol, rua, etc.



Concluo esse artigo com as palavras de Nêgo Bispo, de um homem que carrega em si, muito presente os saberes ancestrais, para nos ensinar quais são as pontes necessárias a serem construídas e, posteriormente destruída, para que possamos fazer a transição para um novo metabolismo social:

No entanto, acredito que seja essa estreita relação dos povos de lógica cosmovisiva politeísta com os elementos da natureza, é dizer, a sua relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para a compreensão de questões que interessam a todas e a todos. Pois sem a terra, a água, o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios. Eis aí o grande desafio resolutivo para que possamos chegar ao nível de sabedoria e bem viver por muitos ditos e sonhados. Para mim, um dos meios necessários para chegarmos a esse lugar é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências. (SANTOS, 2021, p. 69)

Acredito que todos os povos de todos os cantos do mundo têm suas limitações e suas dificuldades para existir e conviver nesse mundo, porém essa diversidade é a maior riqueza que podemos acumular. Os saberes ancestrais podem ser multiplicados ao mesmo tempo que divididos e vivenciados, no sentido de encontrar neles o que de há melhor para construir algo diferente do que foi feito até agora. Pois mais do que nunca, o caminho para nossa emancipação é o mesmo caminho da sobrevivência do que há de Humano em nós.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.* São Paulo: Boitempo, 2018.

ARROYO, Miguel G. *Trabalho, educação e teoria pedagógica.* In FRIGOTTO (org.) *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século.* Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. (Coleção estudos culturais em Educação)

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo.* Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Salete. Cronologia de Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020.

DILGER, Gerhard. LANG, Miriam. FILHO, Jorge P. (Orgs) *DESCOLONIZAR. O IMAGINÁRIO: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento.* Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo: Unesp, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe.* Revista Brasileira de Educação. v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I.* Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital.* Tradução de Isa Tavares. 2ªed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NEVES, Lúcia M. W. e PRONKO, Marcela A. *O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo.* Rio de Janeiro: EPSJV, 2008

NOGUERA, Renato. *Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista.* Revista da ABPN, v. 3, n. 6, p. 147-150, fev., 2012

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações.* 2ª ed. Brasília: INCTI/UnB, 2021.

SAVIANI, Demerval. *Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos.* Revista Brasileira de Educação. v. 12, n 34, p.152-180, jan./abr. 2007.